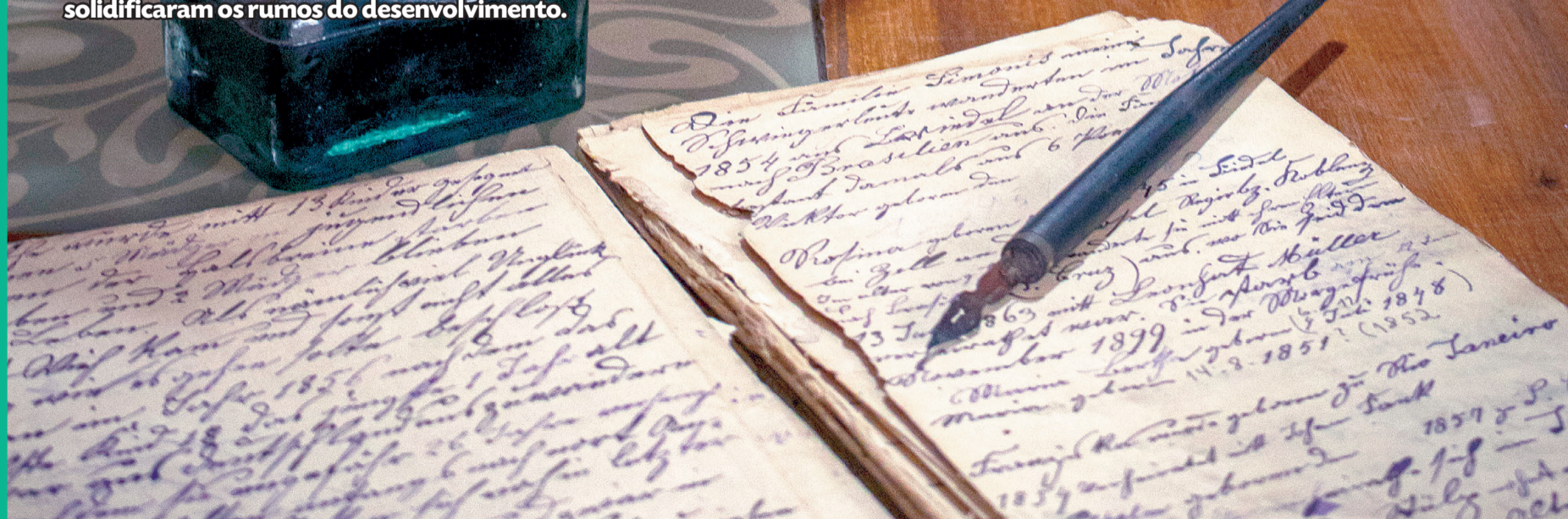


COLONO e MOTORISTA

Legado de constância em coragem e trabalho

Há exatos 200 anos, em 25 de julho de 1824, as primeiras famílias de imigrantes alemães chegavam para se instalar às margens do Rio dos Sinos, na atual São Leopoldo. Nesse bicentenário da imigração no Rio Grande do Sul e dos 175 anos em Santa Cruz do Sul, a Gazeta do Sul relembra em suplemento especial os repetidos atos de coragem e trabalho dos colonizadores que chegaram a essas terras.

A viagem de uma dessas famílias de imigrantes, feita em 1856, foi narrada em diário, que ilustra essa capa e está guardado pelos descendentes como patrimônio histórico e cultural. É o legado documentado dos pioneiros que abriram lavouras e estradas e solidificaram os rumos do desenvolvimento.



Nota Técnica 1:

Orientações para recuperação do solo gaúcho após enchente

A série de notas técnicas é um amparo técnico-científico nas diretrizes de recuperação de solo objetivando subsidiar técnicos, produtores e entidades ligadas à produção agropecuária para o restabelecimento do solo agrícola e das bases dos sistemas produtivos. Os documentos são produzidos por especialistas da área da Secretaria da Agricultura, do Departamento de Solos da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do RS (UFRGS) e da Emater-RS/Ascar.

Estão sendo elaboradas notas técnicas com os diferentes campos da ciência do solo, compreendendo fertilidade, manejo, conservação, mecanização, biologia, pedologia. A produção do conteúdo visa o embasamento científico e a divulgação do conhecimento na área, para auxiliar as propriedades afetadas pela catástrofe climática do Rio Grande do Sul.

Quando as águas das enchentes ocorridas em maio de 2024 no Rio Grande do Sul baixaram, ficaram evidentes os danos causados pelas inundações, que podem variar desde erosão intensa nas áreas mais declivosas até depósitos de sedimentos nas áreas mais planas. Trazer as terras agrícolas afetadas de volta aos níveis de produção pré-existentes depende, em grande parte, do tipo e do grau de danos, do tipo de solo e manejo do solo a ser adotado onde os danos ocorreram. Embora a situação atual seja inédita, com base em experiências similares em outros lugares e no conhecimento local em ciência do solo desenvolvido desde a década de 1960, pesquisadores do Departamento de Solos da Faculdade de Agronomia da UFRGS vêm, por meio desta nota técnica preliminar, iniciar sua colaboração para uma reparação das terras agrícolas danificadas, em parceria com a Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (SEAPI-RS).

A partir desta, seguirão outras contribuições com recomendações mais detalhadas para a reparação das terras agrícolas danificadas pelo evento climático extremo de chuvas ocorridas no nosso Estado. As enchentes colocam o solo no centro da cena e questões inevitáveis surgem: qual parte das áreas agrícolas está mais danificada? Quais práticas de manejo são adequadas para recuperar o solo? Qual o melhor uso para as diferentes áreas atingidas? Quanto tempo as diferentes áreas agrícolas da propriedade rural demorarão para retornar à produção? Em solos de terras altas, e especialmente em áreas mais declivosas (localizadas em cotas maiores da bacia hidrográfica), o excesso de chuva pode ter ocasionado erosão severa, em sulcos ou em voçorocas.

Na região das planícies de inundação e/ou regiões planas (localizadas em cotas menores da bacia hidrográfica, caracterizando os solos de terras baixas), os depósitos de sedimentos são comuns, com alta variabilidade na espessura da deposição (desde camadas de poucos centímetros até camadas de vários metros), na granulometria do sedimento (predominância de fração argila ou fração areia) e nas características químicas do sedimento. Essas terras agrícolas precisam de reparos biológicos, físicos e químicos para a recuperação da fertilidade do solo antes de retornar à produção.

Após o diagnóstico dos impactos ocorridos, as tarefas de recuperação da fertilidade do solo devem ser organizadas e planejadas, considerando que cada situação requer análise detalhada. As práticas aconselháveis devem ter por base os princípios conservacionistas de alto aporte de biomassa vegetal para ativar a vida no solo, construir a estrutura física e restabelecer a disponibilidade de nutrientes e a ausência de elementos tóxicos às plantas.

Algumas práticas que podem ser necessárias são abordadas na Nota Técnica 1 e o conteúdo pode ser acessado no link: <https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202407/12073111-orientacoes-para-recuperacao-do-solo-gaucho-nota-tecnica-1.pdf>

2º Evento técnico de 2024

Referente ao segundo projeto do edital de patrocínio do CREA/RS está programado para o final de outubro.

Eventos sociais:

Noite Italiana AEAVARP – Programada para o dia 23 de agosto, no Tênis Clube Santa Cruz. O evento será animado pela banda Viúva Negra e contará com o apoio da FMC e Josapar.

25ª Agronomfest – Com patrocínio da Syngenta e ProfiGen, a festa está programada para o dia 26 de outubro. Contamos com a sua presença! Associe-se à AEAVARP pelo e-mail aeavarp@gmail.com



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
do Rio Grande do Sul

A chegada das famílias alemãs

Brasil comemora os 200 anos desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães a São Leopoldo, em julho de 1824

Divulgação/GS



Vista da Praça da Matriz, por volta de 1916, que mostra como estava a colonização na cidade de Santa Cruz do Sul

A vinda dos imigrantes alemães para o Brasil ocorreu por meio de um Convite Imperial, realizado por Dom Pedro I. Considerada a Primeira Fase da Imigração Alemã, ela iniciou em 1824, em São Leopoldo. A Colônia de Santa Cruz foi a primeira a ser ocupada na Segunda Fase da Imigração, em 1849, depois da Revolução Farroupilha (1835 - 1845), já a vinda dos imigrantes foi interrompida durante o período de Revolução.

Em Santa Cruz do Sul, a colônia foi criada com o propósito de receber o grupo de colonizadores que era composto por 12 pessoas, das quais quatro eram crianças. Eles vieram da Prússia (Estado dentro do Império Alemão) e da Silésia (região histórica dividida entre a Polônia, a República Tcheca e a Alemanha). Na época instalaram-se na Picada Velha, hoje conhecida como Linha Santa Cruz e a Província foi a responsável pela instalação desta colônia.

A história conta que esses imigrantes fugiam de uma Europa cheia de problemas, conflitos, miséria e fome. Aqui, tinham esperança de ter na nova terra um espaço no qual pudessem plantar e colher produtos para alimentar as famílias e eles não precisassem mais passar fome.

De início, não tinham ferramentas adequadas para a agricultura. As casas foram construídas por eles, em um período em que isso significava fazer até mesmo o corte das pedras e madeiras.

Para trabalhar no espaço demarcado para as colônias, nos primeiros 18 meses os imigrantes receberam do Governo Imperial auxílio com sementes e ferramentas. Com o tempo, outros grupos de imigrantes vieram depois da primeira leva, e foram colonizando juntos este espaço.



As mulheres tinham papel importante na preservação da cultura alemã

As dificuldades

A falta de um médico próximo era uma das dificuldades enfrentadas pelas famílias. Além disso, não havia escola, professores, pastores ou padres. O que era um problema para elas, pois acreditavam que se não houvesse uma oração, não haveria sucesso na colônia.

Em virtude de entre os colonizadores existirem quatro crianças, a necessidade de encontrar professores para auxiliar na sua educação era premente. Como não foram atendidos pelo Governo da Província, a própria comunidade contratou professores e fundou sua própria escola.

Na ausência de profissionais qualificados para essa função, a pessoa mais culta da sociedade era escolhida para desempenhar as atividades de professor e as mães, em casa, já ensinavam as primeiras letras. Inclusive, o papel da mulher nessas famílias era essencial na preservação da língua

alemã, através do canto, das leituras e também das cantigas de ninar.

Os imigrantes alemães também trouxeram e cultivaram diversos valores na colônia que fundaram. No que tange à religiosidade, cada família tinha consigo uma Bíblia em seu baú de viagem, bem como um livro de orações e cantos religiosos. Obras populares também faziam parte dessa bagagem, como forma de lembrar e manter a cultura do seu lugar de origem.

Outra dificuldade era que a casa comercial mais próxima estava localizada em Rio Pardo. Isso exigia que viajassem para fazer as compras dos produtos necessários, o que significava a perda de dois dias para a produção agrícola: um dia para ir e outro para voltar. Lá eles adquiriam os produtos que não produziam, como sal, café e querosene.





Os próprios imigrantes cortavam as pedras e as madeiras para construir suas casas

Lazer, festividades e tradições

Os imigrantes que vieram para Santa Cruz do Sul trouxeram com eles vários costumes. Muitos eram tradições da Alemanha, e outros foram adaptados aqui do Brasil. Para ocupar o tempo e se divertir, os colonos muitas vezes se reuniam com suas famílias em almoços e jantares, assim como nas datas festivas, como Natal e Páscoa. Para eles, essa era uma maneira de se reunir e interagir com a própria família e com a comunidade, mantendo ativas as tradições e os costumes dos alemães.

Entre as festividades que foram trazidas, os imigrantes se reuniam nas sociedades que se formavam para realizar encontros, atividades de tiro ao alvo, jogos de loto, de lancheiros e outros mais específicos, como bolão de mesa e bolão de bola presa. Essa formação deu origem a muitas cooperativas, como o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi). Os colonizadores se reuniam nessas cooperativas, tornando-se uma colônia cada vez mais forte e unida.

A Páscoa trouxe os ovos pintados como uma tradição tipicamente alemã, assim como os ninhos com as guloseimas escondidos nos pátios das casas. Já o preparo para as festividades natalinas também era um momento muito especial para os alemães. Ficou conhecido como Tempo de Advento, no qual prevalece a fabricação de bolachas natalinas, bolos de Natal, bolos com frutas e a confecção dos presentes para as crianças.

Outra curiosidade é que na época em que os imigrantes chegaram à colônia, não existia a possibilidade de comprar presentes. Como a única festa em que as crianças realmente ganhavam alguma lembrança era no Natal, os adultos confeccionavam brinquedos a partir de madeira e pano. Esse período era contemplado com canções natalinas de



Nas viagens de 30 quilômetros para Rio Pardo, que duravam até dois dias, imigrantes adquiriam produtos como café e sal

tradição alemã que eram cantadas em família.

Um exemplo mundialmente conhecido, que foi trazido pelos alemães para o Brasil e outros lugares do mundo, é a música *Noite Feliz*. Ela foi composta em 1818, onde hoje é a Áustria, mas na época era um país de língua alemã. Os aniversários eram comemorados com uma festividade familiar, apenas com uma comida um pouco melhorada e flores sobre a mesa.

Outra tradição importante era a presença da música na rotina dos colonizadores. Desde os primórdios, a música reunia a família e também a comunidade na igreja. Como as famílias geralmente eram numerosas, sempre tinha alguém que sabia tocar algum instrumento musical. Eles costumavam cantar para amenizar a saudade da terra natal.

Texto feito com base no livro *A colonização alemã em Santa Cruz do Sul: um registro fotográfico*, de Laura Gomes e Lindiara Hagemann

Os nomes na história

Antes da chegada dos imigrantes, o lugar onde Santa Cruz do Sul se encontra hoje era conhecido como Faxinal do João Faria (1822). Mas o município já teve outras denominações, como Colônia de Santa Cruz (1849), Povoação de Santa Cruz (1854), Freguesia de São João de Santa Cruz (1859), Vila de São João de Santa Cruz (1877) e Cidade de Santa Cruz (1905), até oficializar por decreto, em 1947, o nome de Santa Cruz do Sul.

Não há consenso em relação aos registros da origem do nome. Algumas pesquisas mostram que o município passou a ser conhecido como é hoje por causa de um antigo morador desta terra, cujo sobrenome era Cruz. Outras indicam que o município já tinha essa denominação em documentos elaborados pelo Governo Imperial, criando a Colônia de Santa Cruz.

www.cbtextport.com

25 DE JULHO

**DIA DO COLONO
E MOTORISTA**

Com coragem e determinação, colonos e motoristas plantam e transportam o sustento de milhares de pessoas. Sua dedicação é fundamental para o crescimento do país e faz a diferença na nossa comunidade todos os dias.

**Vocês são a força da nossa terra
e é um privilégio estar ao
seu lado nesta trajetória.**

Conheça a história da
motorista Vanessa
Wirowski, um exemplo
de dedicação e coragem:



**25 de Julho
Dia do Colono e do Motorista**

**Nossa homenagem a todos que entregam
o seu melhor na terra ou na estrada,
fazendo da coragem e do trabalho
os caminhos da realização.**



Gansos, uma peculiaridade do interior

Presença comum nas propriedades rurais, especialmente em tempos remotos, aves ainda são consideradas como verdadeiras sentinelas

Rafaelly Machado



Dalcio Spode, com as cinco aves e um dos cães: alerta redobrado para a segurança e convivência amistosa entre a bicharada

Alguns hábitos parecem resistir ao tempo em áreas interioranas. Um deles é a criação de aves e animais, especialmente por ser um meio, entre outros, de garantir a subsistência das famílias que tiram de suas propriedades o próprio sustento. Entre as espécies apreciadas estão os gansos, cujas vantagens se estendem para além da alimentação. Embora encontradas em maior número em tempos mais remotos, essas aves continuam servindo como opção de fonte de renda, como alternativa para garantir a se-

gurança das moradias e até mesmo como animais de estimação.

Seu surgimento remonta a milhares de anos, conforme registros históricos, e sua presença na região se confunde com o desenvolvimento oca-

cionado com a vinda dos imigrantes. Desde a época dos primeiros colonizadores, os gansos fazem parte do cenário da vida no meio rural. Essa foi uma realidade experimentada ainda na infância pelo ajustador mecânico

Dalcio José Spode, hoje com 59 anos, de Santa Cruz do Sul.

Ele lembra que seus pais, na época em que ainda moravam no interior de Herveiras, já mantinham um plantel "para fazer o alerta na pro-

priedade". "Eles sempre tiveram gansos. Primeiro em Herveiras, depois em Linha Nova, quando mudaram para Santa Cruz. Também utilizavam os ovos para o consumo e minha mãe fazia travesseiros e cobertas com as plumas."

Já adolescente, por volta dos seus 17 anos, Dalcio demonstrou interesse pela criação. Foi o único dos sete filhos a manter o hábito dos pais. "É o meu hobby, uma diversão para mim. Essas aves me protegem muito aqui e é um alívio para as preocupações." Observa que são os gansos que fazem o primeiro alerta, ao mínimo sinal de movimentação. "Muitas pessoas circulam por aqui [proximidades da rodovia 471] e os gansos fazem a segurança. O primeiro sinal é deles; depois é dos cachorros", destaca.

Atualmente, Dalcio tem cinco aves. "Tenho os sinaleiros. São quatro machos e uma fêmea. Sempre tenho plantel e quando posso dou algum filhote de presente para as pessoas conhecidas", diz, e revela que "Gansolino", com plumagem branca e olhos azuis, é o que mantém de estimação.

Para garantir a continuidade das aves, Dalcio costuma guardar os ovos para chocar. Em seus planos está a expansão do plantel e a mudança para uma chácara no interior de Vera Cruz. "Pretendo me mudar para a minha chácara. Lá tem bastante espaço e dá para aumentar a criação", garante.

**Há mais
de 20 anos**

lutando pelo reconhecimento dos direitos dos agricultores!



(51) 9 9879-7364 Unidade em Santa Cruz - R. Ramiro Barcelos, 475

**Hoje é Dia de
Homenagear
homens e mulheres
que, com muito
trabalho no campo
e nas estradas,
fortalecem e
impulsionam o
desenvolvimento e
a economia da
nossa região!**

**Dia 25 de Julho
Dia do Colono e Motorista**



Foco no Associado com qualidade • Gestão Transparente
Comprometimento • Ética • Credibilidade • União

Curiosidade

Em Santa Catarina, desde 2009 gansos ajudam a monitorar detentos do Complexo Penitenciário do Estado (Cope), um presídio de segurança máxima localizado em São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis. As aves provaram ser mais eficientes do que os cães que habitavam o complexo e alertam a equipe de vigilância se algum preso tentar escapar.

Embora a unidade prisional conte com um avançado sistema de vigilância eletrônica operando 24 horas por dia, a opção pelos animais se deu em função do seu "comportamento sentinela", de emitir gritos e grasnados ao menor sinal de perturbação.

Rafaelly Machado



Principais raças

Chinês branco e Chinês pardo – A raça de ganso conhecida como Chinês lembra um cisne, já que possui o pescoço longo e curvado. É a que melhor se adapta ao clima do Brasil, por ser bastante resistente. Outra característica peculiar é a sua aptidão como guarda da propriedade. É um exímio sinalizador, a qualquer indício estranho. Pode alcançar 5 quilos ou mais e botar em torno de 20 ovos já na primeira postura anual.

Africano – O ganso Africano tem o pescoço comprido, acinzentado, com uma raia escura na parte de trás, que segue da cabeça às espáduas. O bico é negro na parte de cima, com uma protuberância na parte de baixo, lembrando um chifre sem ponta. Excelente reprodutor, quando adulto o macho pode chegar aos 9 quilos. Quanto à postura, a fêmea pode produzir até 40 ovos/ano.

Toulouse – Pode alcançar 15 quilos e, portanto, é a raça mais pesada. A plumagem possui o tom cinza-escuro, com algumas listas mais claras no peito. Na França, é a raça criada para a produção de carne, principalmente de fígado, com o qual é elaborado o Pathe de Foie Gras, conhecido na gastronomia mundial. As fêmeas produzem em torno de 20 a 40 ovos/ano.

Emden (Bremem) – Essa raça é alemã, tem olhos azuis e plumagem inteiramente branca. As penas da Emden são comercializadas para a confecção de travesseiros. Os machos da espécie podem alcançar os 10 quilos rapidamente, o que torna a ave típica para o abate. As fêmeas produzem em torno de 20 a 30 ovos/ano.

Sebastopol – Tem plumagem frisada, com coloração branca, característica que a torna uma ave ornamental. Os machos podem alcançar os 12 quilos quando adultos. Diferencia-se pela produção de carne e ovos. Já na primeira postura, as fêmeas podem produzir de 40 a 60 ovos/ano. Entretanto, não conseguem chocar tamanha quantidade, por isso a necessidade de uma chocadeira elétrica ou galinhas servindo de amas.

Mais sobre

Reprodução – Para a maioria das raças de ganso, o período de acasalamento ocorre aos oito ou nove meses de vida, entre os meses de julho e dezembro. Para o melhoramento genético, os criadores selecionam os melhores exemplares na proporção de um macho para duas fêmeas ou um macho para três fêmeas. Geralmente, na primeira postura, as gansas produzem em torno de 20 ovos, que eclodem em 28 a 32 dias.

Alimentação – Os gansos alimentam-se geralmente de capim, legumes, frutas, grãos, ervas, caracóis, insetos e minhocas. Entretanto, para crescerem saudáveis e equilibrar a ingestão de nutrientes, os criados em cativeiro necessitam de ração conforme a faixa de idade.

Instalações – Rústicos, os gansos se adaptam aos mais diversos climas. Como são aves aquáticas, necessitam de um tanque para banhos e mergulhos rotineiros, principalmente no calor. Muitos criadores os mantêm dentro de um cercado para que possam se locomover livremente e se proteger dos predadores.

Retirada das penas – Apreciadas para a confecção de travesseiros e edredons, as penas são uma opção de lucro aos criadores. A melhor forma de extraí-las é esperar a época da muda, que ocorre entre a estação mais fria do ano e a primavera. Nesse período, caem naturalmente.

**Mãos que aram a terra,
mãos que semeiam, mãos
que cultivam, mãos que
colhem e transportam.**

**Do trabalho digno
destas duas classes
de trabalhadores, o
resultado é o alimento na
mesa de cada um de nós.**



**Nesta data, queremos
manifestar o nosso
reconhecimento e
enaltecer estes incansáveis
trabalhadores que, com
o suor do seu trabalho,
produzem e transportam as
riquezas do nosso país.**

25 de Julho - Dia do Colono e Motorista



**AGRO COMERCIAL
KIST & HEEMANN**
COMÉRCIO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

Santa Cruz (Matriz): Rua Sen. Pinheiro Machado, 1133 Fones: 3711-3434 | 3713-3213 e-mail: agrokist@agrokist.com.br

Vera Cruz (Filial): RSC 287 km 109 Fones: 3718-3869 | 3718-3857 e-mail: veracruz@agrokist.com.br

Diário guarda detalhes da vinda de imigrantes

Anotações feitas em 1856 contam como foi a viagem de uma família que atravessou o Oceano Atlântico para chegar ao Brasil

Fotos: Rafaelly Machado



Mathias Assmann, de Monte Alverne, guarda o diário que seu bisavô escreveu quando, juntamente com seus tataravós, atravessou o Oceano para chegar ao Brasil. Também guarda as anotações de investimentos feitos na propriedade e que serviam como balanço financeiro para seu avô e seu pai

Dos inúmeros objetos antigos guardados por Mathias Assmann, 55 anos, de Monte Alverne, nenhum se compara ao diário de bordo que detalha a viagem feita por alguns de seus antepassados, os imigrantes alemães, para o Brasil. As anotações contam como seus tataravós e sete filhos atravessaram o Oceano Atlântico de barco, por seis semanas, até chegarem em terras brasileiras. Os escritos, em alemão gótico, parecem ter sido desenhados milimetricamente e documentam, nas páginas já amareladas pelo tempo, parte da história do início da colonização.

O diário, do ano de 1856, é guardado com extremo zelo por Mathias, a esposa Milene e a filha Mathiele, de 20 anos, que revela igual interesse de seguir preservando a memória da família. "Quem escreveu foi o meu bisavô Mathias Assmann Senior. Ele veio da Alemanha, com meus tataravós [Johann Nikolaus Assmann e Maria Anna Gruenewald] e os irmãos dele e fez essas anotações para guardar a história da viagem", explica Mathias.

Ele ressalta que o diário foi herdado primeiramente por seu avô, Mathias Assmann Filho, e depois por seu pai, Edmundo José Assmann. Com os dois, aprendeu a importância de preservar a memória daqueles que tanto lutaram para iniciar uma vida nova nessas terras.

Em entrevista à **Gazeta do Sul**, Mathias conta que o hábito de seu bisavô escrever serviu de inspiração para que, mais adiante, seu avô e seu pai fizessem o mesmo. "O meu bisavô [o terceiro filho mais velho, dos sete que fizeram a viagem de barco com os pais] foi agricultor e correspondente bancário. Ele recebia o dinheiro das pessoas em sua casa e uma vez por mês depositava esses valores em San-

ta Cruz do Sul. Fazia os apontamentos e as anotações de juros; funcionava como uma cooperativa." Por conta da necessidade de manter anotado tudo o que recebia, tornou-se comum fazer uma espécie de balanço de investimentos e custos.

Assim, tanto o avô quanto o pai de Mathias aprenderam a fazer anotações da propriedade. "Eles tinham tudo descrito em cadernos. Ano a ano, mês a mês, anotavam as receitas e despesas. Escreviam o valor de tudo o que compravam ou vendiam, desde a erva-mate para o chimarrão até a graxa utilizada nas carroças", comenta. O gosto pelos livros também fez parte dos hábitos herdados e deu origem à biblioteca que hoje Mathias preserva em casa. "Foi meu avô que iniciou e depois meu pai expandiu. Eles sempre tinham livros em casa e liam muito. Agora a minha filha está fazendo o mesmo", diz, emocionado.

O gosto que hoje Mathias tem por objetos antigos é um hábito ainda da infância. "Sempre guardei as moedas e os livros do meu pai, e depois fui aumentando até construir um galpão só para guardar coisas antigas", explica. Ao falar sobre os objetos que estão sob sua responsabilidade, Mathias ressalta a importância de ter "alguém que cuide para não ficar perdido". Mais do que isso, é como se toda a memória da sua família estivesse mantida sob o mesmo teto. Em 1999, Mathias visitou a casa deixada por seu bisavô e seus tataravós na Alemanha.

Foi o pai de Mathias, Edmundo, quem se empenhou em fazer pesquisas e a traduzir os textos do diário. "Ele e meu primo [Celso Assmann Schoerpf] organizaram tudo e depois publicaram um livro."

Neste 25 de julho somos solidários aos **Agricultores** que escolheram como princípio de vida brotar na terra o sustento e o alimento de muitos e aos **Motoristas** que com olhar atento e mãos firmes transportam toda produção pelo país afora.

Parabéns pelo seu dia!

Dia 25 de Julho - Dia do Colono e Motorista

WIEBBELLING

DISTRIBUIDORA DE PEÇAS AUTOMOTIVAS

51 3715-1561

51 9 9994-2600

@wdauto.com.br

/wiebbelling

Rodovia BR 471 - KM 122 - N° 1805
Santa Cruz do Sul - RS

Fotos: Raíaelly Machado



A casa deixada pelos tataravós de Mathias Assmann, na Alemanha, foi visitada e fotografada por ele em 1999



Alguns objetos, como bules e mantegueiras, foram trazidos pelos imigrantes na vinda para o Brasil

Sobre a viagem e os imigrantes

O diário foi escrito por Mathias Assmann Sênior, o bisavô de Mathias Assmann. Ele, os pais Johann e Maria Anna e os seis irmãos deixaram a casa que tinham na aldeia de Hahn, no Distrito de Zell, na Alemanha, e partiram no início de março de 1856.

Teriam sido motivados a buscar vida nova depois de terem enfrentado muitas dificuldades, com a perda de animais e a morte de cinco dos 13 filhos. Eles desejavam inicialmente migrar para a América do Norte, mas na última hora decidiram pelo Brasil e a Província do Rio Grande do Sul. A família saiu pela Antuérpia, na

Bélgica, no barco a vela Luzia (Santa Lucia).

No diário, o autor cita "após seis semanas de viagem pelo Oceano, onde era péssima a alimentação e a água ruim e podre, chegamos ao Brasil, ainda que após alguns vendavais". Em páginas seguintes comenta que rumaram para a Colônia Santa Cruz, após a Picada Velha, e compraram uma área de "320 braças de largura e 950 braças de profundidade".

Entre as anotações também consta que em 1859, três anos após a chegada na região, seu irmão mais velho se casou. E assim,

sucessivamente, narra os casamentos dos demais irmãos, as bodas de ouro dos pais, bem como o envelhecimento e a morte de ambos. Johann faleceu aos 82 anos e Maria Anna aos 79. Seus túmulos estão no cemitério de Linha Santa Cruz.

Nos escritos consta que o casal de imigrantes recebeu do governo brasileiro a importância de 146/360 reis, em Rio Pardo, para pagamento de carretos, aluguel de casas, diárias de acomodação e transporte. No Brasil, o autor do diário se casou com Bertha Simonis.

www.afubra.com.br 
[@lojasafubra](https://www.facebook.com/lojasafubra) 
[@lojas.afubra](https://www.instagram.com/lojas.afubra) 
[afubravideos](https://www.youtube.com/afubravideos) 

Dia de quem faz da terra o seu grande legado.

25 de julho, Dia do Colono e do Motorista

"Entreguei a propriedade para a filha e ela foi continuando junto, até hoje. Eu não quero parar. O dia que eu não posso trabalhar na roça eu faço uma caminhadinha, caminhar um pouco. Eu não paro todo dia. Eu acho que, depois que eu parar, eu vou parar tudo".

Lodvino Renz, 90 anos

afubra

O que revelam os pioneiros Peter e Lis

Sua história, contada em livro, retrata valores que basearam a trajetória de imigrantes e descendentes alemães na região

EXPEDIENTE

Edição: Cláudia Priebe (claudia.priebe@gazetadosul.com.br) e Marisa Lorenzoni (marisa@gazetadosul.com.br)

Textos: Cláudia Priebe e Marisa Lorenzoni, com colaboração de Romar Beling, Benno Kist e Ana Cristina Santos

Diagramação: Rodrigo Sperb
Arte-final: Rosani Moller Klunk
Revisão: Luís Fernando Ferreira



Livro *Peter & Lis* foi lançado e autografado pelo autor dia 17 deste mês

Benno Bernardo Kist

Da Editora Gazeta, autor do livro

A história das famílias de imigrantes e descendentes de alemães na região, que completa 175 anos em Santa Cruz do Sul ao final de 2024, e no Estado já fecha o bicentenário neste mês de julho, pode ser contada por meio do exemplo de uma delas e suas relações com as comunidades próximas. Esse é o propósito do novo livro que acabei de lançar, *Peter & Lis – quando era proibido falar a própria língua*, homenageando os avós paternos (Pedro Kist Sobrinho e Elisabetha Walter) e, por meio deles, todos os ancestrais que formaram a base do nosso município e região.

O lançamento se dá em meio às comemorações por aquelas datas e que têm como ponto de referência o dia 25 de julho, não por acaso denominado Dia do Colono (além do Motorista), em alusão aos colonizadores que, por coincidência, em sua maioria eram pequenos agricultores, tanto que se confundem as duas designações. A obra procura resgatar a sua vida nos primeiros tempos em que precisaram se virar por conta, instalados em pontos isolados e distantes de toda assistência, e onde muitos valores foram fundamentais para, longe de sua terra natal, iniciar e seguir a sua história, de maneira geral exitosa, no seu novo mundo.

Para tanto, sem dúvida, vários fatores e princípios que traziam em sua bagagem foram fundamentais, tais como a profunda fé, aliada à séria educação, tanto que ambas foram colocadas em prática nas mesmas instalações construídas por eles. A dedicação disciplinada ao trabalho, não medindo sacrifícios, com criterioso uso e poupança de recursos, constituiu outra base para enfrentar os desafios e buscar o progresso. Isso se dava em grandes e unidas famílias, assim como buscavam unir a comunidade na satisfação das mais diversas necessidades, desde as estruturais, como abertura e reforma de estradas, às econômicas e sociais, formando cooperativas e associações (estão aí os exemplos da centenária cooperativa de crédito Sicredi, da sexagenária Afubra e do septuagenário Sindi Tabaco), assim como sociedades esportivas (de tiro ao alvo, lança, bolão, etc) e culturais (de canto,

música, entre outras artes).

Todo esse movimento tinha também um ponto em comum: a língua materna, com a qual podiam se expressar e comunicar à vontade nos grupos familiares e comunitários da mesma origem, que os identificava entre si e a sua vida sob todos os aspectos. Junto com a fé, representava o seu conforto espiritual e mental. Assim, foi de forma traumática que se sucederam iniciativas forçadas de aprendizagem da língua nacional, à qual já se procuravam adaptar membros familiares que fizessem mais contatos externos, e inclusive os demais tinham interesse na aprendizagem, se isso acontecesse de modo normal.

Porém, as medidas foram aplicadas de forma atabalhoada e discriminatória, em especial nas instâncias inferiores, onde o poder subia à cabeça e o bom senso descia, criando muitos transtornos e culminando com a paralisação e mesmo fechamento definitivo de várias instituições e expressões culturais (como igrejas, escolas, publicações, sociedades). As restrições e proibições de uso do idioma repercutiram ainda depois dos eventos que levaram a essas determinações (a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, envolvendo a Alemanha, e a Campanha de Nacionalização coincidente com a segunda), retraindo a atenção à língua.

Mesmo assim, ela resistiu, com maior ênfase nas comunidades interioranas, e com esforços recentes buscando reintroduzir seu ensino em escolas públicas e reconhecimentos públicos desse patrimônio imaterial, em regiões de colonização alemã. Tanto que informações dão conta de que o Brasil é o segundo país fora da Europa onde mais se fala o alemão, que também se coloca como segunda língua mais falada no País, após o Português.

Tudo isso demonstra salutar renovação do vigor do idioma, a partir de uma nação que é líder em seu continente e da nossa, que passa a reconhecer mais o valor cultural de estudo e uso de outras línguas. A história de *Peter e Lis*, onde essa questão é colocada em relevo, busca contribuir para o melhor conhecimento dessa realidade e integração cada vez maior de quem migra e de suas tradições, junto à nova Pátria que adota e passa a chamar de sua, em sua plena cidadania.



www.profigen.com.br

Cada semente plantada e quilômetro percorrido contam a história de dedicação dos colonos e motoristas.

Parabéns pelo seu dia e obrigado pelo papel fundamental que exercem!



25 de julho
Dia do Colono e Motorista



Colegas da Academia de Letras, Romar e Lissi participam da obra de Benno

Herança de família

O amor pela terra, sentimento cultivado pelos antepassados, ajudou a transformar uma área de 12,5 hectares em uma propriedade modelo de sustentabilidade

Fotos: Divulgação/GS



Idor Becker: sem a produção de tabaco seria mais difícil permanecer na agricultura

Descendentes de alemães, o casal de produtores rurais Idor André Becker, 45 anos, e Bárbara Fernanda Simon Becker, 39, levaram para o campo o legado deixado por sua família. Na propriedade, localizada em Linha Travessa, município de Venâncio Aires, eles colocam em prática as heranças recebidas: preservar e garantir a sustentabilidade da propriedade através de boas práticas na agricultura familiar e fomentar a diversificação com a produção

de outras culturas, criações e derivados para fins de consumo próprio e comercial, trazendo mais qualidade de vida para família.

Idor, que é produtor de tabaco da CTA e faz parte das estratégias de sustentabilidade da empresa no projeto AgroTop, foi criado no interior. Vendo seus antepassados trabalhando na agricultura, foi natural seguir pelo mesmo caminho. "A sucessão, o amor pela terra, a herança, o aprendizado para a condução e sustenta-

bilidade do negócio e a possibilidade da diversificação foram determinantes para nossa permanência no campo", ressalta o produtor.

Propriedade modelo, além do tabaco, o casal cria gado, suíno e frango para consumo próprio e comercialização de seus derivados, como carne, leite, queijo e ovos. Também cria abelhas para a venda de mel. Plantam milho para silagem e produção de grãos; feijão, aipim e frutas para o próprio consumo, bem como uma grande variedade hortaliças para venda e consumo.

Das receitas dos antepassados, aproveitando o que é produzido ali, Bárbara e a filha Mônica também se dedicam à fabricação de bolachas e bolos.

Mas, apesar da diversificação implantada, eles reforçam e estão cientes de que no perfil de pequena propriedade rural, que é uma definição regional, se não fosse o tabaco e sua renda, seria muito mais difícil de seguir na agricultura. "Nem uma outra cultura gera a renda do tabaco considerando a mesma área de plantio", garante o produtor.



Bárbara e Mônica capricham na produção de queijos, bolachas e bolos

Consciência

O cuidado com o meio ambiente faz parte da história de vida da família Becker e traz boas recordações para Idor. "Lembro do quanto meus pais comentavam e se preocupavam com a preservação da biodiversidade, e principalmente dos rios e afluentes, como o rio Castelhano, que hoje representa 85% do abastecimento da água tratada do município de Venâncio Aires", conta. Essa consciência de cuidado, de respeito e preservação Idor garante que também passa para seus filhos Mônica e Moisés.



Semear vidas e cruzar caminhos.

No campo e nas estradas, colonos e motoristas são a essência do nosso trabalho.

Neste dia, agradecemos por todo o empenho, dedicação e parceria que compartilham conosco.

Dia do Colono e Motorista
25 de julho



Pessoas nos inspiram
A FAZER A DIFERENÇA



Guardiões de relíquias

Objetos guardados para preservar a memória dos antepassados materializam a força com que eles lidavam com as adversidades

Fotos: Rafaelly Machado



Moedor de pimentas e cachimbo vieram da Alemanha

Cenilo e Valita, de Vale do Sol, preservam história da família materializada em objetos



Aos Colonos e Motoristas nossa admiração. Seu trabalho nos inspira a semear esperança e cultivar o respeito por quem tem história!

25 de Julho - Dia do Colono e Motorista

Que parece ser apenas um amontoado de coisas velhas para alguns é riqueza de inestimável valor para outros. E essa comparação, muitas vezes, é feita por pessoas de uma mesma família, cujas origens são iguais. Nesse contexto, Cenilo e Valita Wrasse, ambos com 68 anos, enquadram-se no grupo daqueles que preservam objetos antigos e agem como legítimos guardiões de relíquias. O casal de aposentados mora em Vale do Sol, a 12 quilômetros da entrada do município e a 34 quilômetros de Santa Cruz do Sul.

Visivelmente emocionados, eles mantêm sob seus cuidados duas camas e dois baús, além de um cachimbo e um moedor de pimentas. Estes foram trazidos por Ricardo Wrasse, bisavô de Cenilo, quando da sua vinda da Alemanha para o Brasil. "O meu bisavô veio com dois irmãos mais novos para o Brasil. Ele se instalou aqui em Vale do Sol (antigo Trombudo), um em Cachoeira e outro na região de Rio Pardo. Meu avô contava que os três vieram solteiros e que haviam deixado os pais na Alemanha", comenta.

Foi também o bisavô de Cenilo quem construiu as camas e os baús, até hoje utilizados por ele e a esposa Valita. "Foi tudo feito em madeira de lei. Ele fez as duas camas de solteiro. Elas eram curtas e estreitas, nas medidas dele, e há alguns anos eu restaurei e ampliei para casal", detalha Cenilo.

Os objetos, conforme revela, foram fabricados por seu bisavô, com a ajuda de um tio-avô. "Meu tio-avô, Arvino, ajudou ele. Eles tinham uma marcenaria (atividade iniciada por volta de 1930) e conciliavam com o traba-

lho na lavoura", acrescenta. O negócio também teve, por alguns anos, a participação de Ernesto, avô de Cenilo, que depois se afastou por causa de desentendimentos entre os irmãos.

A fabricação da própria cama para descanso do corpo após horas de exaustivo trabalho revela, especialmente para Cenilo, a força que precisou ser despreendida por seus antepassados e os demais imigrantes que vieram para o Brasil. "O meu bisavô veio para cá e começou a abrir lavouras e estradas. Primeiro, comprou uma carroça para transportar fumo e 'pallhadas' para Santa Cruz do Sul. Ele ia com sete mulas (seis puxavam e uma ficava de reserva) e demorava uns oito dias para ir e mais oito dias para voltar", relembra.

Ao se estabelecer de fato naquela região, o bisavô de Cenilo se casou e teve sete filhos. Destes, quem guardou as camas e os baús, igualmente fabricados na marcenaria da família, foi seu avô Ernesto. "Meu avô foi o guardião disso. Depois passou para o meu pai, Martin Luther, que era o terceiro filho mais velho. Dos seis irmãos, só o meu pai se interessou em manter preservado", observa, orgulhoso. De geração em geração, Cenilo adianta que seu filho também demonstra interesse de preservar os objetos.

Hoje as camas e os baús são utilizados pela família e representam, sobretudo, a superação constante daqueles que viveram em tempos nos quais os recursos materiais eram escassos. "É importante a gente valorizar. A gente não sabe o que vem para o futuro e precisa preservar o que os nossos antepassados também já cuidaram", considera Cenilo.

ProduMais
AGRÍCOLA

A PARCERIA CERTA PARA SUA LAVOURA

✓ Assistência técnica à lavoura ✓ Venda de sementes ✓ Nutrição animal
✓ Toda linha de insumos ✓ Fertilizantes e defensivos ✓ Linha pet

Av. Dep. Euclides N. Kliemann, 2271 Castelo Branco, SCS 51 9 9662 0015

produmais agrícola agropecuaria_produmais vendas.nc@produmais.com.br

Tecnologias a serviço dos motoristas



Motorista há 25 anos, Paulo Marquardt acompanha as diversas melhorias no setor

Imagine um tempo em que era comum, por exemplo, que os motoristas de ônibus viajassem por horas, sem ar-condicionado, ao lado do motor do veículo. Antigamente as cabines onde esses profissionais ficavam eram muito quentes, pois recebiam todo o calor do motor. Os ônibus não tinham os recursos de refrigeração de hoje, eram pouco confortáveis e até o barulho do motor era

um incômodo. Além disso, o processo de direção como um todo era totalmente manual e mecânico.

Felizmente, hoje em dia a situação é bem diferente, pois os ônibus já contam com tecnologias que otimizam a jornada do motorista, desde a promoção da segurança na estrada até o aumento da produtividade e da eficiência. Após a chegada dos câmbios automatizados ficou ainda me-

lhor, sem falar de veículos com sistemas inteligentes de aceleração e redução de velocidade, tudo para reforçar o processo de segurança.

Conforme Cassiano Tworkowski, gerente de manutenção da Viação União Santa Cruz, a área destinada ao motorista teve significativos avanços: "O cockpit [cabine de pilotagem] foi redesenhado por parte da Scania e ficou mais ergonômico, tanto na altura dos pedais como na poltrona, que agora é aquecida e se autorregula conforme o peso do motorista, tendo ainda ajuste fino de altura, distância (para frente e para trás) e de reclinção. Além disso, o volante ajustável, com o qual já estavam habituados, também recebeu melhorias."

Cassiano aponta outros dispositivos e sistemas que são de apoio ao motorista: câmbio automático, piloto automático, freios ABS, assistente de partida em subida, sistema antitombamento (EBS), monitoramento por câmera, telemetria e também o sistema ADAS (Advanced Driver Assistance Systems), que compõem os recursos de advertência de ponto cego, assis-

tente para troca de faixa (LDW), freio autônomo de emergência, controle de velocidade de cruzeiro adaptativo. "Essas são ferramentas que possibilitam muito mais segurança para os ocupantes do veículo", garante.

Para Paulo Luís Marquardt, motorista que trabalha há três anos na empresa, mas tem 25 anos de experiência na profissão, a atenção e o comportamento do motorista sempre serão primordiais para a viagem, mas essas tecnologias os auxiliam bastante na hora de dirigir. "Outro exemplo são os novos carros adquiridos pela empresa, onde o conforto para quem pilota foi muito pensado e isso, com certeza, também vai refletir no passageiro. O motorista vai conduzir mais descansado", garante.

Marquardt também ressalta que ser acompanhado pela telemetria e pelas câmeras de monitoramento é uma tranquilidade: "Tanto para nos avisarem das condições da estrada ou de algum problema em que seja preciso utilizar uma rota alternativa, bem como para analisar com clareza a situação, caso ocorra algum incidente."

Telemetria

De acordo com Vanessa Brum, gerente de tráfego da empresa, essa tecnologia que permite monitorar, em tempo real, os indicadores do veículo é usada há oito anos pela empresa e está instalada em todos os ônibus da Viação.

"Conseguimos verificar onde eles estão e se tem algum tipo de interferência na rodovia. Assim, podemos avisar os motoristas se há alguma mudança de rota ou alguma insegurança de trecho. Fora isso, conseguimos ver toda a questão de condução do veículo, como frenagem, velocidade, motor ocioso entre outras. Por meio da análise desses dados, nossa equipe de instrução consegue melhorar o desempenho dos profissionais numa condução mais defensiva e econômica", explica.



Vanessa Brum e Cassiano Tworkowski



25 de Julho - Dia do Motorista

Ser motorista não é somente traçar caminhos seguros. É conduzir diariamente sonhos e vidas!



BETO PEÇAS
SHOPPING DE FERRAGENS

Hoje é dia de homenagear mulheres e homens que, com muito trabalho no campo e nas estradas, fortalecem e impulsionam o desenvolvimento e a economia da nossa região.

25 de julho - Colono e Motorista

[@betopecas_scs](#)
51 99645-6074
51 3713-2078
Av. Paul Harris 300 - SCS



MPS
MULLER PREVIDÊNCIA E SERVIÇOS

51 99700-0033
[@mpsprev](#)

Colono e motorista

O colono que cultiva a terra, produz o alimento, faça sol ou faça chuva. E o motorista que nos traz os alimentos, mercadorias, transporta pessoas. Duas categorias que merecem nosso respeito e admiração, mas nem sempre são valorizadas ou tem seus direitos prejudicados. Amigo colono e motorista, conte sempre com a **MPS - MULLER PREVIDÊNCIA E SERVIÇOS**, para auxiliar nos serviços previdenciários que tens direito, como Aposentadorias, Auxílio Incapacidade e Pensão por morte.

Mariel Marcio Muller

Rua Marechal Floriano Peixoto, 863- Sala 202 Ed. PANVEL

Como herança, **o amor pelo volante**

Ainda “guri”, João Ulisses quis seguir os passos do pai. Dedicou sua vida à estrada e à realização do sonho de infância

Dos seus 59 anos, João Ulisses Tavares de Almeida, de Santa Cruz do Sul, dedicou 36 para o trabalho ao volante. Afastado da estrada desde dezembro do ano passado, por restrições de saúde, ele conta que herdou do pai, João Brasil, o amor pelo caminhão. Como ele mesmo define, a profissão “veio de berço” e se transformou, no transcorrer de todos esses anos, na realização de um “sonho de guri”.

As primeiras lembranças remontam aos seus 5 ou 6 anos, quando já acompanhava o pai nas viagens feitas

com caminhão-caçamba, nas quais eram transportadas pedras de cal para empresas de Rio Pardo e de Porto Alegre. “Eu ia junto com ele nas folgas do colégio. Às vezes, a gente pegava a estrada de tardinha para Porto Alegre e voltava na madrugada”, recorda. Companhia constante na carona do pai, João Ulisses não desperdiçou a primeira oportunidade de se tornar motorista.

Então, em meados de 1985, aproveitou a chance de trabalhar no mesmo local onde seu pai estava. “Fui trabalhar com ele em uma empresa de

concretos (a hoje extinta Concreto Vogt). Eu dirigia um caminhão com betoneira e transportava a argamassa para as obras. Foi meu pai quem me levou para lá”, explica.

Esse seria mais um período de muito aprendizado. “Meu pai me ensinou muita coisa. Ele foi o meu mestre. Trabalhamos uns dois anos juntos”, afirma. Depois disso, João Ulisses foi trabalhar com seu sogro enquanto seu pai permaneceu na empresa de concretos até se aposentar. “O meu sogro era construtor e eu fui trabalhar com ele no transporte dos materiais para as obras.”

Logo adiante, outra oportunidade surgiu. Dessa vez, para rodar longas distâncias em um caminhão truck. “Comecei a fazer o transporte de lenha. Fazia o carregamento no interior de Dom Feliciano, e também de Venâncio Aires, para Santa Cruz do Sul”, relata, evidenciando que da lenha mudou para o transporte do tabaco.

Nessa troca, começou a viajar por todo o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná em carretas com contêineres abastecidos de fumo. Essa experiência de rodar a região Sul foi proporcionada pelas duas últimas empresas em que atuou. “Mudei de emprego, mas segui fazendo o transporte de tabaco nos três Estados do Sul”, ressalta, ao mencionar que nos últimos 14 anos foi respon-

sável por conduzir um caminhão rodotrem, com nove eixos, abastecido com aproximadamente 74 toneladas (peso bruto).

Nesse ir e vir, João Ulisses precisou driblar não só a saudade de casa, já que ficava dias longe da esposa Adriana, 60 anos, e das filhas Larissa e Yasmin, de 34 e 23, respectivamente, mas também os percalços da estrada. Viu inúmeros acidentes, inclusive com pessoas conhecidas, e vivenciou diversas mudanças no trânsito, como o aumento no fluxo de veículos e a precariedade das estradas.

Em meio a tudo isso, manteve-se prudente para manter a sua segurança e a das demais pessoas. “A vida é solitária no trecho, mas nos permite fazer muitas amizades e conhecer novas culturas através das pessoas que encontramos e dos lugares que chegamos”, sublinha.

Hoje, João Ulisses divide com os colegas mais novos o que aprendeu ao longo dos anos. “Gosto de ajudar. Meu pai me ensinou isso. Acredito que podemos fazer sempre o nosso melhor onde quer que a gente esteja”, aconselha. Por recomendação médica, faz trajetos mais curtos, acompanha os carregamentos dos caminhões nas empresas, ajuda na limpeza de contêineres e auxilia a equipe que faz a manutenção da frota. Longe das rodovias, assegura que foi feliz na estrada.



25.07

Do campo às estradas: os **colonos** cultivam a terra, os **motoristas** cultivam sonhos nas estradas.

Parabéns pelo seu dia!

MODAL TRANSPORTES
sua melhor estrada



João Ulisses fez as últimas viagens de longa distância em um caminhão rodotrem

Colono e Motorista: protagonistas da economia municipal

O Dia do Colono e Motorista, celebrado em 25 de julho, é uma data que nos convida a refletir sobre a importância dessas profissões para o desenvolvimento de nossos municípios. No Vale do Rio Pardo, os agricultores, ora chamados de "colonos", e os motoristas são os verdadeiros protagonistas da economia local, desempenhando papéis essenciais na produção e transporte das riquezas que fazem nossos municípios prosperarem.

O produtor rural, com seu trabalho árduo e dedicação, é responsável por grande parte da produção agrícola que sustenta não apenas suas próprias famílias, mas também abastece mercados e indústrias. Seu trabalho é a base da nossa economia rural, cultivando alimentos e matérias-primas com apreço e capacidade de adaptação. Seu compromisso com a terra e a produção de qualidade é um pilar fundamental para a sustentabilidade do Vale do Rio Pardo.

Por outro lado, os motoristas, muitas vezes invisíveis aos olhos de muitos, são os que garantem que esses produtos cheguem ao seu destino. Enfrentando estradas desafiadoras e jornadas longas, eles são a conexão vital entre o campo e a cidade. Sem os motoristas, o escoamento da produção agrícola seria inviável, e o acesso a bens e serviços seria drasticamente reduzido, afetando negativamente a economia local. O próximo dia 25 é o momento certo de tornar visível quem passa sem ser notado.

No Vale do Rio Pardo, a sinergia entre colono e motorista é evidente. Juntos, eles formam uma cadeia de valor que impulsiona o desenvolvimento econômico da região. A produção de tabaco, um dos principais produtos agrícolas de nossa região, exemplifica essa colaboração. Assim como o plantio de grãos para a exportação, a pecuária leiteira, bovina, a criação integrada de aves e suí-

nos. Nossos agricultores ajudam a alimentar o mundo.

Enquanto o produtor cultiva, cria e colhe, o motorista assegura que toda essa riqueza chegue às indústrias e, posteriormente, aos mercados nacionais e internacionais. Essa parceria não só fortalece nossa economia, mas também promove a coesão social e a identidade comunitária. A prosperidade dos municípios do Vale do Rio Pardo depende diretamente da eficiência e dedicação de ambos. É essencial que reconheçamos e valorizemos o papel crucial que desempenham em nosso cotidiano.

Neste Dia do Colono e Motorista, nossa gratidão deve ser expressa não só em palavras, mas também em ações que apoiem e valorizem esses trabalhadores. Especialmente neste momento que se torna ainda mais desafiador, uma vez que as dificuldades foram potencializadas por causa das enchentes e tragédias naturais que impactaram de forma direta as propriedades rurais. São necessárias políticas públicas que incentivem a melhoria das infraestruturas rurais e rodoviárias. Programas de capacitação e apoio financeiro, são fundamentais para assegurar que colonos e motoristas continuem a desempenhar seu papel essencial no desenvolvimento de nossos municípios.

Aos produtores rurais e motoristas do Vale do Rio Pardo, nosso mais profundo agradecimento. Seu trabalho incansável e dedicação são a força motriz que mantém vibrante toda a nossa região. Que possamos continuar a apoiar e valorizar essas profissões, reconhecendo sua importância inestimável para o desenvolvimento de nossas comunidades.

Carlos Bohn

Presidente da Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo (Amvarp)



“Especialmente neste momento que se torna ainda mais desafiador, uma vez que as dificuldades foram potencializadas por conta das enchentes e tragédias naturais que impactaram de forma direta as propriedades rurais”

fb/utcbrasil @utcbrasil

Feliz Dia do Colono e Motorista!

Produtores e transportadores são nossos grandes parceiros na tarefa de trabalhar preservando o meio ambiente e cuidando das pessoas, produzindo e transportando tabaco com alto padrão, sempre buscando a melhoria contínua em tudo que fazemos, com foco no futuro.

Parabéns pelo seu trabalho!

utc
Brasil
Member of **GNT**

Aponte a câmera do celular e saiba mais



**FELIZ DIA
DO COLONO E DO MOTORISTA!**

MW BATERIAS

**AS FORÇAS QUE
ALIMENTAM E MOVEM
O NOSSO PAÍS!**

Uma homenagem da nossa equipe!

POÇOS ARTESIANOS

51 3741.5558 ou
51 9.9922.7260 Alberto

RUA AURINO GUTERRES DE CARVALHO, 3118
BAIRRO BELA VISTA
VENÂNCIO AIRES RS

A empresa RB POÇOS ARTESIANOS cadastrada no CREA atua na área de poços artesanais industriais de alta vazão à mais de 20 anos no segmento. Temos geólogo próprio da empresa para regularização e licenciamento de poços artesanais industriais. Manutenção de poços e troca de bombas submersas e concertos de quadro de comando, com equipamentos especializados no segmento. Vendas de bomba submersas e quadros de comandos novos.

- * Perfuração de poço artesanais industriais seguindo normas NBR 12212 e NBR 12244 da ABNT;
- * Análises de água;
- * Regularização e poços artesanais industriais;
- * Outorga;
- * Manutenção de poços e concertos em geral;
- * Medição de vazão (Teste de Bombeamento 24h);
- * Tamponamento de poços;
- * Contamos agora com aluguel de gerador.

FAÇA SEU ORÇAMENTO, SEM COMPROMISSO!

Caminhão, uma paixão de infância

Contrariando as expectativas da mãe, Caio Flávio não seguiu os passos do pai, que era médico, para realizar o sonho de ser caminhoneiro



Caio Flávio Jacobus, "o Formigão": popular na estrada e nos microfones

O caminhão é uma das paixões de Caio Flávio Jacobus, 56 anos, o popular "Formigão", e também o desgosto de sua mãe, Glória, de 95. Em tom de brincadeira, ele conta que cresceu fascinado por caminhões, mas ouvindo que seria médico igual ao pai, que falecera quando ainda tinha seus 3 anos. Numa das tantas investidas da mãe, lembra que ela mostrou o anel de médico que pertencia ao pai e disse "um dia vai ser teu". Nada surtia efeito e ele seguia fixado em imagens de caminhão, contando os dias para poder, finalmente, dirigir.

A vontade de estar ao volante era tanta que, quando ganhou uma máquina fotográfica de presente, e a utilizou em viagem com a família, só fotografou caminhão. "Era na época em que se revelavam os filmes. Ganhei um de 36 poses e quando viram só tinha caminhão nas fotos. Eu não pensava em outra coisa", reconhece, evidenciando que sempre gostou de três coisas na vida: música, rádio e caminhão.

Assim, ao atingir a idade para fazer a primeira habilitação, optou de imediato pela categoria de caminhão. Apto a dirigir, teve sua primeira experiência como motorista quando prestou o serviço militar. "No quartel era eu quem dirigia o caminhão para buscar comida, para transportar a banda", conta.

Concluído o período de serviço militar, prestou o concurso público do Banrisul, por insistência da mãe. Apesar de ela ter feito a inscrição e sonhar com um futuro estável para ele, a partir daí Caio não mais deixaria o volante e tampouco abandonaria o sonho de ter seu caminhão. "Passei no concurso do banco, para o cargo de motorista do departamento de obras e serviços. Por nove anos, conciliei o atendimento na agência e o transporte de malotes que fazia com o carro do banco. Dirigia diariamente pela região, em três roteiros distintos."

Nesse vai e volta, casou-se e pediu licença do banco para ir morar em Florianópolis. Por lá, ficou dois anos. Ao

retornar para reassumir a vaga no banco, foi informado de que o cargo tinha sido extinto na agência local e teria que se transferir para Palmeira das Missões. Com isso, prorrogou a vaga por mais seis meses e, por fim, pediu exoneração. "Nessa época, enquanto trabalhava no banco, eu aproveitava meus intervalos para gravar os comerciais para a Rádio Gazeta FM. Eu era locutor de rodeio, mestre de cerimônias e fiquei conhecido nesse meio", conta. Nesse período, recebeu convite para apresentar um programa de música gauchesca na emissora. O primeiro programa foi ao ar em 1º de julho de 1996.

Foi assim que todas as suas paixões se entrelaçariam. Entre idas e vindas do rádio, decidiu comprar seu próprio caminhão, em meados de 2011. Identificou que o serviço de guincho era um bom investimento e assumiu de vez o seu sonho. Com isso, frustravam-se em definitivo as expectativas de sua mãe. "Eu amo o que eu faço. Eu viajo a vida inteira e não tenho dia, não tenho hora. Viajo com gente, com bicho, com trator, com maquinário agrícola. Ando por todo esse interior", diz, entusiasmado. "Dirigir é amor, é paixão à profissão", acrescenta.

Ao descrever seu trabalho, lamenta que haja pouca valorização dos motoristas de caminhão. "E somos os mais corretos porque precisamos fazer periodicamente os exames toxicológicos para renovar a habilitação, trabalhamos com tacógrafo para ter aferição da velocidade quando ocorrerem acidentes, precisamos ter curso periódico de qualificação e nosso período entre uma renovação e outra de habilitação é menor. Somos profissionais da estrada", define.

Considera a categoria uma das mais importantes, já que tudo é transportado por um caminhão. Já a palavra guincho lhe remete a assistência e ajuda. "Independente de quem seja, sempre tento tratar bem o cliente. Em muitos casos, o carro é o único patrimônio que a pessoa tem", enfatiza.

**PARABÉNS,
Colono e Motorista!**

Neste 25 de Julho a Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo (Amvarp) presta sua homenagem e profundo agradecimento aos profissionais que fazem o motor da economia regional funcionar. Dia de agradecer ao **Colono e Motorista** pela dedicação e confiança em nosso Vale do Rio Pardo.

Felicitações, sucesso, saúde e vida longa ao Colono e Motorista.

Homenagem dos municípios de Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, General Câmara, Gramado Xavier, Herveiras, Mato Leitão, Minas do Leão, Pantano Grande, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz.

Transporte **solidário**

Ajuda financeira

Como forma de apoiar seus empregados impactados pelas enchentes, a Alliance One Brasil destinou R\$ 770 mil para recuperar os prejuízos causados. Cada colaborador afetado recebeu R\$ 5 mil, através de cartões para compra de móveis e utensílios. O Programa de Voluntariado Corporativo Abraço Solidário também se engajou pela causa. Voluntários participaram de mutirões de limpeza e organizaram a doação de cerca de 17 toneladas de alimentos, 4,2 mil litros de água, 1,7 mil itens de higiene e limpeza, 940 refeições e 13 mil agasalhos, cobertores e roupas, 300 brinquedos, 165 quilos de ração e 3 mil pares de sapato.

Além das unidades de Araranguá e Rio Azul, a Associação de Funcionários de Venâncio Aires foi parceira da causa, com a promoção de ações de arrecadação de valores e destinação de cestas básicas aos empregados afetados pelas intempéries.

Parceiros da Alliance One Brasil foram essenciais no transporte de donativos às vítimas das enchentes no Estado



Com aproximadamente dois milhões de motoristas no Brasil, entre autônomos, empregados e desempregados, os caminhoneiros cumprem papel fundamental no que diz respeito ao abastecimento de serviços essenciais à população. Considerando que 62,2% do transporte de cargas é feito por meio da malha rodoviária no País, a importância desses profissionais cresce ainda mais.

Na Alliance One Brasil (AOB), uma das maiores exportadoras de tabaco do País, o transportador é fundamental na operacionalização das atividades da empresa – presente no Rio Grande

do Sul, em Santa Catarina e no Paraná. Recentemente, a AOB testemunhou os esforços imprescindíveis dessa classe de trabalhadores para superar a pior tragédia climática da história dos gaúchos: as enchentes de abril e maio.

Transportador de cargas, como o tabaco, há 35 anos e morador de Araranguá (SC), o motorista Martin Viana Cardoso foi um dos responsáveis por ajudar as diversas vítimas das cheias. Ele transportou, de forma voluntária, um caminhão cheio de donativos do município do litoral catarinense – onde fica uma das unidades da Alliance – até Venâncio Aires (RS), onde está

localizada a matriz da empresa e que foi ponto de coleta de doações. Cardoso estima ter rodado cerca de 800 quilômetros. “Sou grato por ter ajudado as pessoas que foram vítimas das enchentes, e peço a elas que tenham calma, porque no fim tudo vai dar certo”, frisa.

Assim como em Araranguá, a filial da empresa em Rio Azul (PR) serviu como referência para contribuir com quem mais precisava. Lá, inclusive, a unidade da Alliance se estabeleceu como o principal ponto de coleta da cidade paranaense, onde foi possível angariar duas cargas de donativos.

Muitas ações e UM SÓ DESTINO: *a solidariedade*

Neste Dia do Colono e Motorista, a Alliance One celebra a bravura desses profissionais e a força da união.

Nossos transportadores se destacaram pela solidariedade ao levar doações para as vítimas das enchentes.

Nos solidarizamos aos agricultores que tiveram perdas e auxiliamos na retomada da produção. Nosso apoio se estende a todos os afetados pelas intempéries.

Nesta data especial, homenageamos a união e a solidariedade de nosso povo.

Parabéns!



25 de julho – Dia do Colono e Motorista

Parabéns àqueles que cultivam e transportam o nosso desenvolvimento!

**25 de Julho
Dia do Colono e Motorista**



SCHMITZ PEDRAS

99916-5860 | 99889-9306

Schmitz Pedras

RUA FRANÇA, 49 - ARROIO GRANDE - SANTA CRUZ DO SUL - RS

MÃOS FIRMES E COMPETENTES, RUMO A UM FUTURO DE PROSPERIDADE.



✓ TRANSPORTE RODOVIÁRIO ✓ DISTRIBUIÇÃO ✓ ARMAZENAGEM

• Santa Cruz do Sul - RS: Rua Bruno Francisco Kliemann, 90 - 51 3715-0477 | 51 98501-4800

• Estrela - RS: (51) 3720-1488 (51) 3720-2016 - (51) 98408-1488 - (51) 3720-4088 - (51) 3712-1830 - (51) 98450-0766 • Porto Alegre - RS: (51) 3348-1138 • São Paulo - SP: (11) 2954-0164 - (11) 2636-1266 (11) 2967-0063 - (11) 95414-5854

DIRETÃO São Paulo

Risco de queda na oferta de **contêineres**

Crise no setor de transporte rodoviário de cargas e logística ameaça operações de exportação

A crise no setor ameaça não apenas a estabilidade das transportadoras, mas também a capacidade dos clientes de escoar suas produções até o porto. O alerta é da Comissão de Contêineres, retomada recentemente pelo Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas e Logística no Rio Grande do Sul (Setcergs).

Se a situação persistir, a falta de reajustes nos fretes pode resultar em um êxodo ainda maior de transportadoras e autônomos, colocando em risco a logística de exportação do Estado. As condições precá-

rias das estradas, agravadas pelas recentes enchentes, aumentam significativamente os custos de manutenção e operação das empresas de transporte.

O diretor da Transportadora Augusta, César Augusto Schultz, e um dos integrantes da Comissão de Contêineres do Setcergs, destacou as dificuldades enfrentadas pelo setor. "As condições das estradas, que já eram ruins, pioraram muito com as enchentes, o que aumenta o custo de manutenção e prejuízos com pneus. Além disso, o diesel teve grandes aumentos recentemente e os insumos

em geral. O custo de manutenção mais que triplicou em cinco anos. Com as enchentes, vários desvios tiveram que ser feitos, veículos ficaram parados por muito tempo e a urgência dos clientes aumentou muito."

Segundo Schultz, a falta de terceiros para a operação obriga o transportador a fazer altos investimentos que não se justificam pelo baixo valor pago pelos fretes. "Em resumo, podemos dizer que hoje as empresas que operam com contêineres praticamente estão pagando para trabalhar. Parece absolutamente normal que muitos saiam do segmento em busca de fretes melhores em outras operações. E esta é a verdadeira realidade, a prova está no êxodo em massa dos autônomos que saíram da operação por falta de rentabilidade. Sem rentabilidade, nenhu-

ma empresa que faça as contas adequadamente ficará nessa operação", descreveu.

Mario Fernando Neutzling, transportador de São Lourenço do Sul, compartilha também as dificuldades que sente na prática. "Trabalho no transporte de tabacos há mais de uma década, mas nos últimos tempos está ficando praticamente impossível, pois os fretes não são reajustados. O óleo diesel está muito caro, a manutenção do caminhão é muito alta e, para piorar, as estradas na região de Encruzilhada estão praticamente intransitáveis. Está muito difícil de trabalhar", disse.

O Setcergs reforça a necessidade urgente de reajustes nos fretes e de ações efetivas do poder público para melhorar a infraestrutura rodoviária.

Z Gás Zimmer
Revenda: **ultragaz**



Parabéns Colono e Motorista!
Nossa homenagem e respeito a essas pessoas que representam duas classes que plantam, cultivam, colhem e transportam o sustento de uma região.

Pediu, chegou!

51 9.9919.4951 | 51 3719.5050



Marcelo Matusiak, PlayPress Assessoria e Conteúdo

Empresas de transporte enfrentam aumento dos custos de manutenção e operação

De motorista a empresário: a história de Edson Barkert

Mais de 30 anos atendendo todo o território nacional, com excelência na prestação de serviços de transporte e logística

O ano era 1986. O Mercedes 1516 foi comprado em Lajeado e trazido com orgulho pela família Barkert para trabalhar em Santa Cruz do Sul. Depois de empreender com um restaurante e uma loja de móveis, o sonho do patriarca Orlando Barkert era a compra de um caminhão, para que o filho Edson Barkert pudesse seguir na profissão.

Como motorista, Edson Barkert, hoje com 55 anos, começou a sua trajetória no setor de transporte, inicialmente com móveis. Em 1993 iniciou a Barkert Transportes, já com três caminhões focados no transporte de móveis para o Rio de Janeiro. "Pela experiência adquirida, no início dos anos 2000, surgiu a oportunidade de ingressar na área de sementes, realizada na época em caminhão baú", lembra ele.

Estimulado pela oportunidade de uma empresa de sementes que mantinha unidades em outras regiões do País, desafiou-se a empreender no Estado de Goiás. Iniciava ali uma trajetória de crescimento, que começou em Formosa e Itumbiara (GO) e seguiu para Minas Gerais e Mato Grosso.

Hoje, a Barkert é referência quando o assunto é transporte de sementes. "Com o passar do tempo, buscamos qualificar nossos serviços, aumentamos a frota, investimos em treinamento e instalamos um



Edson Barkert, orgulhoso com a expansão da frota e dos negócios, comemora mais de três décadas de história

sistema avançado de gestão de frotas, com rastreamento de cargas, otimização das rotas e manutenção preventiva. Tudo isso foi fundamental para o crescimento da empresa", destaca Edson.

Com mais de três décadas de história, a Barkert comemora o crescimento. São 50 veículos próprios, 60 funcionários e cerca de 130 veículos terceirizados, que atuam nas modalidades de cargas de lotação e a granel, atendendo todo o território

nacional, com excelência na prestação de serviços de transporte e logística. A matriz segue em Santa Cruz, com filiais em Itumbiara (GO), Primavera do Leste (MT), Uberlândia (MG) e mais seis pontos de apoio volantes. "Quando comecei, não imaginava chegar nesse patamar. As oportunidades foram surgindo e nós trabalhamos muito para estruturar as operações. E assim seguimos, buscando evoluir sempre", comemora ele.

PARABÉNS

aos colonos e motoristas!

A Transportes Barkert celebra o Dia do Colono e Motorista com orgulho e gratidão. Há 30 anos, estamos comprometidos com a qualidade e somos reconhecidos pelo certificado SASSMAQ. Agradecemos a todos os nossos colaboradores pela parceria e dedicação ao longo dessas três décadas. **Juntos, continuamos a trilhar um caminho de sucesso e excelência!**



 [transportesbarkert](https://www.instagram.com/transportesbarkert)

**Transportes
Barkert**

**Duas classes,
uma missão,
ser protagonista
no progresso e
desenvolvimento
do nosso país.**

Parabéns
COLONO E MOTORISTA



SCHULTZ
RETÍFICA DE MOTORES

3717-1380 BR - 471 KM 122
SANTA CRUZ DO SUL

BOSCH MWM

**Parabéns aos
Colonos e Motoristas!**

O seu esforço possibilita
o desenvolvimento
do nosso povo!



FRANTZ
MANGUEIRAS E CONEXÕES

INDUSTRIAL | AGRÍCOLA | AUTOMOTIVO

51 3713-1006 | 51 98430-0158 Travessa Érico Veríssimo 156

Inor Assmann/Banco de Imagens/Editora Gazeta



Com a colonização alemã no interior do Rio Grande do Sul, tabaco se impôs como uma fonte de renda nas pequenas propriedades

Do tabaco Comum (ou de galpão) para o Virgínia

As primeiras plantações de tabaco na Colônia de Santa Cruz envolviam variedades então disponíveis, do chamado fumo Comum, ou de galpão. Mas foi com a introdução de cultivares de folhas claras após a secagem (feita em estufas, com aquecimento), em especial o Virgínia, que esse produto testemunhou a forte expansão de sua cadeia

produtiva. Essas folhas são direcionadas para a fabricação de cigarros, nos quais se emprega também parcela do tipo Burley (igualmente secado ao ar livre, em galpões). Já o Comum é consumido basicamente no preparo de palheiros artesanais, e hoje quase não tem mais presença ampla em comércio.

**Areia,
brita
e aterro**

**Serviço de
coleta de
entulhos**
(c/ área licenciada)

Terraplenagem
(c/ maquinário de
grande e pequeno porte)

**Aos que conhecem a terra e as estradas,
produzindo e transportando
sucesso e progresso,
nosso muito obrigado.**

*Parabéns,
Colono e Motorista!*

DIA 25 DE JULHO

Areial Santa Cruz

51 3719-1474 51 99954-2904

Com a energia do tabaco

Um aspecto histórico costuma escapar ao entendimento da maioria das pessoas que não têm maior familiaridade com o ambiente da colonização alemã no Rio Grande do Sul. É que, juntamente com os primeiros imigrantes, também apareceu como opção definitiva de cultivo (e, logo, de fonte de renda para as famílias) a planta do tabaco.

Nas pequenas propriedades conduzidas com mão de obra familiar, a diversificação de atividades era, desde o princípio, uma necessidade, justamente para assegurar o autoabastecimento das famílias ou de suas comunidades, com a troca de produtos de subsistência entre vizinhos.

Assim, os gêneros alimentícios imediatamente mereceram a máxima atenção entre os colonos, que plantavam arroz, feijão, milho, batatinha, batata-doce, aipim, cevada, trigo etc. Elegiam tanto as culturas com as quais já estavam familiarizadas na Europa quanto as novas, que conheciam ou descobriam na nova terra.

Da Europa também já conheciam o tabaco, que lhes rendia as folhas que adoravam consumir, até como forma de ocupar o tempo, ou como

um hobby. Assim, na nova terra, com destaque para a Colônia de Santa Cruz, implantada em 1849, plantaram sementes, de olho na garantia de folhas para o consumo próprio. O fato é que se surpreenderam com a qualidade da matéria-prima, algo que ainda não se havia visto em nenhum outro local. O tabaco produzido e beneficiado, ainda que de maneira rústica, no interior do Rio Grande do Sul superava, e muito, em qualidade o de qualquer outra origem.

Foi, portanto, com os alemães que se descobriu um dos melhores ambientes para a produção de tabaco em realidade global, seja pelas características do solo, seja pela combinação de clima favorável. Em questão de poucos anos, os colonos já não plantavam só para o próprio sustento, mas sim para abastecer um crescente mercado.

Com o aumento na oferta, surgiram mais empreendimentos que negociavam essas folhas e as exportavam para fora da região. Começava ali um negócio que levaria Santa Cruz a se tornar, no século 20, o maior polo de beneficiamento e comercialização de tabacos do mundo.

Rápida expansão

O tabaco foi uma das culturas que registraram mais rápida expansão (e, logo, também aceitação) como fonte de renda nas pequenas propriedades das colônias alemãs. Com a destinação de uma reduzida área de terras, não mais do que um ou dois hectares, a família assegurava uma produção que lhe garantia uma segura e tranquila receita a cada ano. Além disso, mesmo com a eventual exigência de mão de obra, o ciclo dessa planta era igualmente concentrado. Assim, era possível à família cuidar sozinha das diversas tarefas envolvidas desde a produção das mudas ao plantio, e da colheita à separação das classes e à comercialização.

Desse modo, especialmente na Colônia de Santa Cruz, as plantações de tabaco espalharam-se rapidamente. Em torno dessa atividade surgiram sólidas empresas que adquiriam a produção e a negociavam para centros maiores. Era o marco inicial do maior polo de processamento de tabaco do planeta.



**25 de Julho
Dia do Colono e Motorista**

Nossa homenagem a esses trabalhadores incansáveis que fazem a diferença todos os dias.

Vocês são a base que sustenta nosso país e o motor que mantém o progresso em movimento.

Parabéns pelo seu dia!



Folhas que vão para o planeta

Os colonos alemães foram os responsáveis diretos pela surpreendente expansão da produção de tabaco no Rio Grande do Sul (e, conforme os colonos e seus descendentes iam migrando para novas regiões, firmaram essa cultura em toda a região Sul do Brasil, que se mostrou propícia e vocacionada para essa planta). Mas foram os investidores estrangeiros, associados a empresários locais

ou regionais, que colocaram o tabaco entre os mais importantes produtos agrícolas na balança comercial.

Em Santa Cruz do Sul, em especial, mas também em vários municípios do entorno, que faziam parte da Colônia de Santa Cruz, ou ainda em colônias próximas, como a Santo Ângelo (atual Agudo), empresas de tabaco surgiram e impulsionaram a economia. Foi a esses empreendimentos familiares ou a

essas sociedades locais que se uniu o capital externo. Com a entrada em cena da Souza Cruz, ou British American Tobacco (BAT), que implantou o Sistema Integrado de Produção em 1917, o modelo de cultivo adotado revolucionou o setor.

Ainda hoje, mais de um século depois, o Sistema Integrado é considerado uma das iniciativas mais revolucionárias no agronegócio, ao propor parceria entre as empresas e os produtores, sendo que aquelas se comprometem a adquirir a produção, ao passo em que oferecem assistência técnica e pacote tecnológico, entre outros. Com o gradativo aprimoramento da qualidade e o aumento da oferta, dentro das especificações buscadas pelo mercado, o tabaco brasileiro fidelizou clientes no mundo todo.

Em sintonia com os novos tempos

Atualmente, mais de cem países se abastecem do tabaco brasileiro, que mantém estabilidade em volumes exportados a cada ano. Ao longo das décadas, a cultura inclusive migrou para novas fronteiras, ainda que nunca tenha deixado de ostentar relevância econômica e social no Vale do Rio Pardo.

Em pleno século 21, regiões como a Metade Sul do Rio Grande do Sul e o Centro-Oeste de Santa Catarina e Paraná estão entre os principais polos de produção dessas folhas no País. A mais recente safra, como assegurou excelente remuneração, motivou um novo incremento percentual da área de cultivo.

Se no ambiente de cultivo, no meio rural, o tabaco nunca deixou de agregar e incorporar novas tecnologias e estratégias, em muitos casos transferidas às demais culturas agrícolas nas pequenas propriedades, as formas de consumo dessas folhas também foram se modificando.

Mais recentemente, outros meios de consumo são os Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEFs), cuja venda ainda é proibida no Brasil, mas que têm sido vistos de forma crescente no mercado, no qual entram de forma ilegal. No mundo, em nações que liberam o comércio e o consumo, os também chamados cigarros eletrônicos registram participação crescente entre as novas gerações. Na prática, no campo e na cidade, o tabaco segue como uma das mais importantes atividades agrícolas, fundamental para o resultado da balança comercial.

ARTIGO

Uma história de tradição e renda

Divulgação/GS

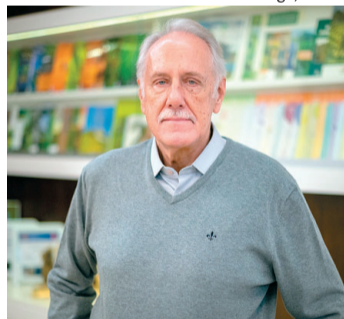
No dia 25 de julho, celebramos duas datas importantes para o setor do tabaco no Brasil: o Dia do Colono e do Motorista. Feriado em diversos municípios, a data simboliza a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, marcando o início de uma rica tradição agrícola na região.

A produção de tabaco está historicamente ligada aos imigrantes europeus, que se estabeleceram em pequenas propriedades e dedicaram-se à agricultura. O cultivo de tabaco tem sido uma atividade de grande expressão nas regiões colonizadas, mantendo viva a herança dos colonizadores e impulsionando a economia de centenas de municípios. Não é raro encontramos famílias com quatro, cinco gerações de produtores de tabaco, que fincaram o pé no campo por um único motivo: a renda e a qualidade de vida gerada.

Merecem menção especial todos os motoristas que transportam diariamente o resultado do labor de milhares de pessoas. Quero aqui reconhecer a importância deles para esta história de sucesso, personagens essenciais para a cadeia produtiva do tabaco. São eles que anualmente garantem o transporte eficiente do produto até as indústrias de beneficiamento e aos portos de exportação, em volumes que superam, em média, as 500 mil toneladas ao ano e que geram mais de US\$ 2 bilhões em divisas.

São homenagens merecidas para aqueles que estão na base da cadeia produtiva do tabaco, desempenhando papéis fundamentais na produção e logística. Que possamos seguir juntos nesse caminho de tradição e renda, com orgulho e segurança.

Iro Schünke
Presidente do SindiTabaco



A produção e o transporte das riquezas da nossa região, assim como o desenvolvimento do campo e da cidade, só são possíveis pela dedicação e esforço diário dos Colonos e Motoristas.

Neste 25 de julho, homenageamos os trabalhadores que fazem do campo e da estrada sua profissão.

Parabéns a todos colonos e motoristas pelo seu dia!

UMA HOMENAGEM





25 DE JULHO Dia do Colono e Motorista

Que o trabalho e a determinação dos colonos e motoristas continuem sendo pilares de crescimento e prosperidade da nossa terra.

Uma homenagem,



Exposição destaca imigração alemã

“Imagens e Memórias” apresenta pequena mostra da vida, dos costumes, do trabalho e da arquitetura deixada pelos imigrantes

A Pinacoteca da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) irá sediar até o dia 29 de novembro a exposição “Imagens e Memórias”, comemorativa à imigração alemã: 200 anos no Estado e 175 anos em Santa Cruz do Sul. Os trabalhos podem ser conferidos desde o dia 5 deste mês. São 24 telas da Pinacoteca e 34 fotografias do Centro de Documentação Unisc (Cedoc), nas quais se retrata uma pequena mostra da vida, dos costumes, do trabalho e da arquitetura deixada pelos imigrantes.

Entre os artistas representados nas obras estão Frantz Steimbacher, Regina

Simonis, Traudi Meurer, Ilse O’Meagher e Gastão Tesche. Com organização e curadoria da Pinacoteca Unisc e do Cedoc, através dos professores Ronaldo Wink e José Antônio do Nascimento, a exposição é uma celebração das possibilidades presentes e futuras da preservação do esforço e colaboração para a construção da identidade sociocultural do Estado e região.

Conforme destaca o professor Ronaldo, “os tempos mudam, mas as lembranças permanecem através do legado artístico-cultural deixado pelos imigrantes alemães e seus descendentes”.

Fotos: Raíffely Machado



Em telas e fotografias, Pinacoteca expõe um patrimônio histórico de todo o Estado



Destaque para a figura da mulher, que ajudou de igual para igual no desenvolvimento

Parabéns Colono e Motorista

25 de Julho

DEPUTADO FEDERAL

HEITOR SCHUCH

Construção a partir de muitas mãos

O município de Santa Cruz do Sul tem muitas características que o torna conhecido em boa parte do País e até mesmo do mundo. Sua configuração atual é resultado de um processo histórico que envolveu milhares de pessoas, as quais não mediram esforços para criar condições de transformar uma região de densas florestas, inicialmente em um pequeno povoado e, depois, em um centro agrícola, industrial e urbano.

Nesse aspecto, o professor José Antônio observa que “o conhecimento sobre a história de um determinado lugar pode ser construído a partir de vários documentos, dentre os quais a fotografia, que tem sido acrescentada como fonte de primeira grandeza”. Isso porque permite a visualização dos hábitos e dos costumes, bem como a compreensão da realidade que as pessoas têm ou tiveram.



25 DE JULHO - DIA DO COLONO E MOTORISTA

HORA DE RECONHECER A SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE SANTA CRUZ DO SUL



CÂMARA DE VEREADORES DE SANTA CRUZ DO SUL

@camara_santaacruz
@camaravereadorescs
www.camarasantaacruz.rs.gov.br

Acompanhe as sessões às segundas-feiras, às 16h. Acesse pelas redes sociais e o site

Os primeiros agentes dessa história

Em levantamento histórico feito pelo professor José Antônio, no lugar hoje conhecido e denominado como Linha Santa Cruz, vieram os imigrantes, no final da primavera de 1849, transportados de Rio Pardo por carretas de duas rodas, chegando ao Faxinal de João Faria, próximo ao local de destino. Quase um ano após a chegada dos primeiros imigrantes, em outubro de 1850 foi nomeado o primeiro administrador da Colônia, Evaristo Alves de Oliveira. No ano seguinte, ele foi substituído pelo engenheiro João Martin Buff, que residia em Rio Pardo. Os colonos ocuparam lotes e produziram.

A maioria dos imigrantes era de agricultores, mas também profissionais de ofícios diversos como ferreiros, serralheiros, fundidores, curtidores de couro, mecânicos, sapateiros, alfaiates, seleiros, marceneiros, moleiros, entre outros. Graças à perseverança e à coragem de cada uma dessas pessoas, os pequenos povoados se transformaram em cidades, os caminhos abertos nas matas deram origem às estradas e os profissionais de ofícios iniciaram as indústrias e as pequenas casas comerciais cresceram.

Em 31 de março de 1877, a região foi elevada à categoria de Vila (Vila São João de Santa Cruz), ou seja, ocorria a criação do novo município, denominado de São João de Santa Cruz. Com isso, estabeleceu-se governo próprio e independente de Rio Pardo.

Outra data importante para o crescimento regional foi 19 de novembro de 1905, quando o então presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, inaugurou o prédio da Viação Férrea e o ramal ferroviário que foi estendido até Santa Cruz do Sul.

Por ocasião da instalação do município, foram eleitos para compor a primeira Câmara de Vereadores (chamada de Conselho) Joaquim José de Brito, Carlos Trein Filho, Roberto Jaeger, Germano Hentschke, Jorge Julio Eichenberg, José Lopes Simões e Pedro Werlang. Os eleitos tomaram posse no dia 28 de setembro de 1878, instalando oficialmente o novo município, composto por cerca de 10 mil habitantes.

Outro ponto importante identificado nas pesquisas mostra que "os colonos construíram e propagaram uma autoimagem baseada na fé, na educação e no trabalho e, a partir de seus valores, buscaram posições de liderança na região". E esse foi um elemento importante de contribuição dos imigrantes para a identidade regional que interferiu em todo o Rio Grande do Sul e outras partes do Brasil.

Mais uma referência citada é o Kolonie (1891-1941), jornal brasileiro impresso em idioma alemão e que circulava nas colônias trazendo informações de várias partes do mundo. Trata-se de memórias preservadas e que estão relacionadas às tradições e aos valores culturais.

Fotos: Rafaelly Machado



Em primeiro plano, tela com a imagem da que seria a primeira igreja católica do povoado e os cavalos, principal meio de transporte

DIA DE QUEM CONHECE CADA PALMO DESTE SOLO E DESTA ESTRADA



25 DE JULHO: DIA DO COLONO E MOTORISTA

Na terra, plantamos glórias. Nas estradas, percorremos conquistas. E, neste ano, a data ganha ainda mais significado: juntos, mostramos que nenhum desafio é maior que a força da nossa tradição.



Em meio às telas e fotografias, livros também retratam a história da Imigração

Parabéns pelo seu dia!



PHILIP MORRIS BRASIL



O FUTURO NA MÃO DE QUEM FAZ.
Parabéns Colono e Motorista pelo dia 25 de Julho.
Uma homenagem da Funilaria Zanette, que há mais de 37 anos atende aos agricultores de Santa Cruz do Sul e Região, dispondo de uma ampla linha de produtos para facilitar a vida no campo.

  @funiliariazanette

zanette
FUNILARIA E SERRALHERIA

Avenida Deputado Euclides Nicolau Kliemann, 3240 | Santa Cruz do Sul, RS

 51 99942-6560  51 3719-1610

Sucessão rural é marcada por histórias de **união e inovação**

Necessidade de passar adiante o conhecimento e a paixão pelo trabalho no campo e nas estradas também é refletida pela data

O Dia do Colono e do Motorista é celebrado em muitos municípios do Sul do Brasil. Historicamente, a data destaca não só a importância dessas profissões, no que tange ao sustento de comunidades e ao abastecimento nacional, mas também a necessidade de passar adiante o conhecimento e a paixão pelo trabalho no campo e nas estradas. O dia 25 de Julho é, ainda, o momento para destacar histórias emblemáticas de sucessão rural, nas quais jovens decidem seguir os passos

de seus pais e continuar os negócios familiares tanto na agricultura quanto no transporte.

Em meio às transformações do mundo moderno, essas histórias não apenas honram o passado, mas lançam luz sobre a importância de preservar e fortalecer as raízes que sustentam o País. Por meio dos relatos de produtores e motoristas, é possível descobrir o que motiva os jovens a escolherem seguir uma trajetória que, embora árdua, é repleta de gratificação e propósito.

O caso de Vitor Thales Felczak, 27 anos, representa a união da tradição com a modernidade no campo. Em Quitandinha, no Paraná, ele trabalha ao lado do pai, José João Felczak, na produção de tabaco, unindo a experiência de décadas à busca por soluções inovadoras. “Decidi permanecer na agricultura com meu pai pela boa perspectiva de vida que ela oferece e por poder trabalhar em família, dando continuidade à propriedade que ele iniciou”, conta.

A paixão pela agricultura e o desejo de garantir o futuro da família o inspiraram a buscar novas tecnologias para aumentar a produtividade e a qualidade da plantação. A primeira mudança foi a implementação do sistema de plantio direto para conservação do solo, depois, a construção de um pavilhão para ter mais conforto nos trabalhos de secagem e armazenagem do tabaco. “Em 2021, a estufa de cura contínua veio para somar e foi um divisor de águas, facilitando a colheita devido à escassa mão de obra

e melhorando a qualidade das folhas colhidas”, afirma.

“Meu pai, um pouco receoso por conta do valor do investimento e do método diferente de cura, ficou com um pé atrás, mas com a mente aberta e ao visitar o Adet [Centro de Desenvolvimento Agrônomo, Treinamento e Extensão Rural] e conversando com os técnicos em agronomia da JTI, hoje diz que foi um ótimo investimento”, acrescenta Vitor.

“Toda tecnologia que vem para reduzir custos e melhorar a qualidade de vida é de se pensar, pois só assim podemos focar outras áreas, como a família e a melhor gestão da propriedade. O investimento feito na propriedade é pensado e discutido em família. Meu pai carrega a experiência e sabedoria de mais de 40 anos na atividade e eu, as inovações tecnológicas, agronômicas e sustentáveis. Seguimos trabalhando para um futuro melhor da nossa família e da propriedade para que, quem sabe, futuras gerações continuem nosso legado”, explica.



agrinobre.com.br

Dia do Colono e do Motorista,
os nossos heróis da estrada e do campo.

Agrinobre
Mais vida para sua planta.



José e o filho Vitor Felczak, tradição e modernidade no campo

Família ao volante

A família Nether, de Herveiras, no Vale do Rio Pardo, é um exemplo de união e dedicação ao ofício, compartilhada na paixão em dirigir caminhões. Moacir de Jesus Nether, sua esposa Isaete dos Santos Robaldo Nether e seu filho Cassio Batista Nether são motoristas transportadores da JTI, cuja história começou com o sonho de infância do pai em dirigir caminhões.

“Quando criança, meu pai gostava de brincar de caminhões e isso se transformou em um sonho. Como uma pessoa simples e honesta que pensava sempre nos seus objetivos, com muito esforço e dedicação, comprou seu primeiro caminhão Mercedes 1113 no ano de 2004 e aí realizou seu grande sonho. Minha mãe sempre esteve ao lado dele, uma mulher batalhadora que não negava os esforços e também gostava de caminhão. Eles estavam sempre um do lado do outro. Gostar de caminhão nos motivou a tudo isso”, conta Cássio.

A família Nether é parceira da JTI há anos e Cássio destaca a importância desse trabalho em conjunto. “Assim como a JTI nos acolheu, nós também nunca deixamos ninguém para trás. Trabalhamos juntos para fazer um trabalho com respeito, dignidade e princi-

palmente qualidade aos nossos clientes, especialmente aos produtores integrados à JTI. A gente faz o nosso melhor para entregarmos resultados de excelência e qualidade. Ver nossos caminhões entrando no pátio da empresa é motivo de orgulho e satisfação para todos nós”, considera Cássio, refletindo sobre o trabalho conjunto da família.

Roberto Macedo, líder da Operação de Tabaco da JTI Brasil, destaca o compromisso da empresa em fortalecer o centenário Sistema Integrado de Produção, tendo o produtor no centro de tudo que faz, além do apoio às comunidades produtoras.

“Na JTI, valorizamos a tradição e a inovação. Nos colocamos como um impulsionador desse processo, incentivando e facilitando a melhoria contínua das atividades e tecnologias nas propriedades dos produtores. Com investimentos em pesquisa, tecnologia, treinamentos e programas de aceleração de investimentos aos produtores, a empresa busca fortalecer a sustentabilidade dos elos da cadeia produtiva, garantindo que o nosso tabaco de qualidade continue com alto reconhecimento global e as comunidades prosperem”, comenta Macedo.

Junio Nunes



Família Nether, de Herveiras, paixão compartilhada em dirigir caminhões: Cassio e os pais Isaete e Moacir

25 DE JULHO / DIA DO COLONO E DO MOTORISTA

DA TERRA AO DESTINO, VALORIZAMOS QUEM FAZ O BRASIL CRESCER.

Parabéns a todos que fazem do campo e das estradas suas vidas. Esta é uma homenagem da Augusta, a todos os colonos e motoristas.



Nos siga no Instagram:



@augustainternacional

AUGUSTA
INTERNACIONAL

Isalete dos Santos Robaldo Nether, Herveiras/RS
Transportadora parceira JTI



*Acreditamos que juntos
vamos muito mais longe.*

Vitor Thales Felczak, Quitandinha/PR
Produtor integrado à JTI

NÓS TAMBÉM.

É com o trabalho árduo e diário de quem cultiva a nossa terra e de quem transporta as nossas riquezas que avançamos e construímos o nosso futuro.

Na data de hoje, celebramos duas forças essenciais que impulsionam o desenvolvimento. A nossa parceria contínua e trabalho conjunto fortalecem o Sistema Integrado de Produção e contribuem para a sustentabilidade de toda a cadeia produtiva do tabaco.

Aos nossos transportadores parceiros e aos nossos produtores integrados, nosso sincero reconhecimento.
Parabéns!

25 de julho | Dia do Colono e Motorista

JTI Brasil | www.jti.com/brasil